

Todos com Seguro, a não ser os eleitores do Chega

CHEFE DE ESTADO Avaliação do Presidente piora em relação ao mês anterior, mas mantém um saldo muito positivo.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

O Presidente da República, António José Seguro, tem avaliação positiva de quase dois terços dos participantes no Barómetro DN/Aximage de julho (63%), mas vê esse apoio reduzir-se em relação ao mês anterior, ao mesmo tempo que a percentagem de inquiridos que fazem uma avaliação negativa do seu desempenho aumenta para quase um quarto do total (24%). E tem, pela primeira vez, saldo negativo entre aqueles que desde o início estão menos convencidos consigo: os eleitores do Chega.

Nas 501 entrevistas realizadas pela Aximage, a 20 e 21 de julho, António José Seguro tem o seu desempenho enquanto Chefe de Estado nos 30 dias anteriores avaliado com um muito bem por 14% dos inquiridos e bem por 49%, enquanto 16% responderam que esteve mal e 8% muito mal, com os restantes a não terem opinião.

Apesar de o saldo permanecer muito favorável para o sucessor de Marcelo Rebelo de Sousa, em junho era ainda melhor, pois 22% respondiam que Seguro estivera muito bem, 47% diziam que estivera bem,

Menos afetada foi a avaliação do Chefe de Estado entre os que votaram na AD. Continua a haver 15% a dar-lhe um muito bem e 57% a optar pelo bem.

13% que agira mal e 5% que agira muito mal. Resultados que estavam em linha com os do Barómetro DN/Aximage de abril, o primeiro a incluir perguntas sobre o desempenho do vencedor da segunda volta das eleições presidenciais de 2026.

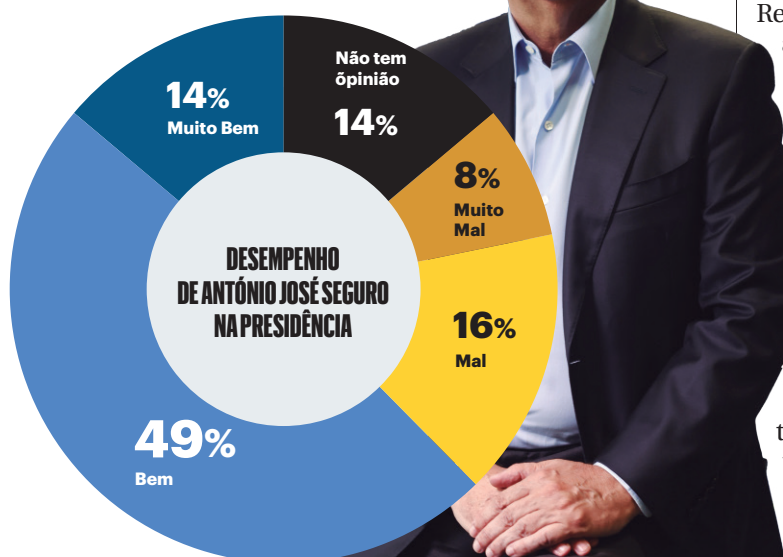
Para o pior resultado de António José Seguro contribuíram decisivamente os inquiridos que votaram no Chega nas legislativas de 2025. Somente 6% desses eleitores do partido de

André Ventura, que foi recebido em audiência no Palácio de Belém a 15 de julho, responderam que o Chefe de Estado agiu muito bem – contra 16% que assim consideravam em junho – e 34% que esteve bem, subindo significativamente a percentagem daqueles que dizem ter estado mal (27%) e muito mal (17%) – eram, respetivamente, 20% e 15% no Barómetro DN/Aximage anterior.

Muito menos afetada foi a avaliação do Chefe de Estado entre quem votou na AD. Continua a haver 15% a dar-lhe um muito bem e 57% a optar pelo bem, embora aumente ligeiramente a percentagem dos que responderam que esteve mal (13%) e muito mal (5%). Esse saldo é ainda mais positivo no eleitorado socialista: 27% disseram que o antigo secretário-geral do PS esteve muito bem, 54% que esteve bem, 8% que esteve mal e 2% muito mal.

Entre os segmentos da população em que Seguro obtém resultados menos positivos destacam-se os inquiridos entre os 35 e os 49 anos, onde o Chega lidera na intenção de voto legislativo, e entre os quais 35% dão avaliação negativa (há 23% a responder que o Presidente da República agiu mal e 12% que agiu muito mal), embora 51% tenham opinião positiva (14% dizem que esteve muito bem e 37% que esteve bem).

Pelo contrário, os mais velhos, com idade igual ou superior a 65 anos, que constituem o grupo que mais apoia o PS, continuam a ser os maiores admiradores da forma com Seguro exerce a Chefia de Estado. Há 19% a dizer que esteve muito bem e 53% que esteve bem, contra apenas 9% que dizem ter estado mal e 5% que esteve muito mal.



PODER LOCAL

Da janela do meu bairro
Daide Amado



Felizmente aqui não há tuk-tuks

Lisboa vive, cada vez mais, uma profunda crise de identidade. O turismo de massas e o crescente investimento estrangeiro no mercado imobiliário são fenómenos que têm acentuado de forma drástica o processo de gentrificação dos bairros centrais da cidade, onde é cada vez mais difícil encontrar comércio tradicional e habitantes locais.

Lisboa continua a ser uma cidade de inúmeros encantos, mas, para quem nasceu cá ou para quem cá vive há largos anos, é impossível não experienciar todos os dias as mudanças estruturais na vivência da cidade. O equilíbrio que, em tempos, permitia a quem nos visitava usufruir em pleno da cidade ou nela investir sem colocar em causa a qualidade de vida de quem a habita, há muito que desapareceu.

Na passada semana visitei o Castelo de São Jorge. No caminho deparei-me com ruas e cenários de tal forma transfigurados que, apesar de saber onde me encontrava, me fizeram sentir completamente deslocado numa zona da cidade que conheço tão bem, mas que já não reconheço. Dezenas de tuk-tuks parados em cima de passeios ou em segunda fila, amontoados de pessoas a aguardar um sinal verde para atravessarem a estrada, comércio outrora tradicional agora totalmente irreconhecível e vários outros traços que parecem tornar o centro da cidade numa outra Lisboa despida da sua essência e daquilo que, verdadeiramente, sempre a caracterizou. Senti-me um estranho na minha própria cidade.

Será (já) este um fenómeno transversal ou podemos ainda encontrar em Lisboa bairros onde nos sentimos em casa?

Nem tudo são más notícias. Ainda é possível encontrar pontos da cidade onde se mantém o espírito de comunidade e o estilo de vida que todos reconhecemos. Ao chegar a casa e numa volta pelo meu bairro, consigo perce-

ber que, apesar das trotinetas e bicicletas abandonadas nos passeios e dos candeeiros com luzes fundidas há meses (exemplos de uma falta de cuidado que me incomoda muito), ainda é possível identificar várias particularidades que nos remetem para uma Lisboa familiar, mas também multicultural. No meu bairro ainda permanecem abertas lojas que têm mais de meio século, que convivem de forma harmoniosa com a mercearia do sr. que veio do Bangladesh em busca de uma vida melhor. Encontro vizinhos, que aqui vivem há anos, em conversas animadas num dos cafés mais cosmopolitas do bairro, negócio familiar do simpático casal parisiense. Os mais velhos ainda se reúnem para jogar à bisca nas mesas e bancos do jardim.

Será então a gentrificação um fenómeno exclusivo do centro da cidade ou estarão todos os bairros em perigo?

Esperemos que não. São precisamente estas características pitorescas que cativam quem a visita, este lado informal e familiar que faz com que todos se sintam bem recebidos, e é uma tremenda falta de visão do poder político não preservar esta identidade. O turismo e o investimento na cidade são certamente aspetos muito positivos, mas são necessárias regras que permitam manter a balança equilibrada.

É fundamental tomar medidas para estancar este processo de gentrificação, permitir às pessoas manter as lojas abertas regulando as rendas, controlar o número de licenças para AL, promover a construção de habitação acessível para que possamos todos continuar a viver na cidade, ou então Lisboa sucumbirá a esta pressão de que tem sido alvo.

Quanto ao meu bairro, não tenho dúvidas: felizmente aqui ainda não há tuk-tuks.

Deputado à Assembleia da República eleito pelo PS. Presidente do PS Lisboa